

CENTRO UNIVERSITÁRIO BRASILEIRO - UNIBRA
CURSO DE GRADUAÇÃO PSICOLOGIA

ALAYNE MARIA MARTINS DUARTE
GISLAINY SANTOS ROCHA DA PAZ VIANA
GRENDA LARISSA IBRAHIM MACIEL
LUCAS RIBEIRO DE LIMA

ATUAÇÃO DA PSICOLOGIA MEDIANTE O ABUSO SEXUAL INFANTIL

RECIFE/2022

ALAYNE MARIA MARTINS DUARTE
GISLAINY SANTOS ROCHA DA PAZ VIANA
GREENDA LARISSA IBRAHIM MACIEL
LUCAS RIBEIRO DE LIMA

ATUAÇÃO DA PSICOLOGIA MEDIANTE O ABUSO SEXUAL INFANTIL

Artigo apresentado ao Centro Universitário Brasileiro – UNIBRA,
como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em
Psicologia.

Professor Orientador: Danilo Silva

Ficha catalográfica elaborada pela
bibliotecária: Dayane Apolinário, CRB4- 2338/ O.

A883 Atuação da psicologia mediante o abuso sexual infantil / Alayne Maria
Martins Duarte [et al]. - Recife: O Autor, 2022.
39 p.

Orientador(a): Danilo Silva.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Centro Universitário
Brasileiro – UNIBRA. Bacharelado em Psicologia, 2022.

Inclui Referências.

1. Abuso sexual infantil. 2. Traumas na infância. 3. Prevenção ao abuso.
4. Intervenção psicológica. I. Viana, Gislainy Santos Rocha da Paz. II.
Maciel, Grenda Larissa Ibrahim. III. Lima, Lucas Ribeiro de. IV. Centro
Universitário Brasileiro - UNIBRA. V. Título.

CDU: 159.9

Dedicamos esse trabalho a nossos pais.

AGRADECEMOS PRIMEIRAMENTE A DEUS, POR TER NOS MANTIDO NA TRILHA CERTA DURANTE NOSSO TRABALHO, COM SAÚDE E FORÇAS PARA CHEGAR ATÉ O FINAL.

À NOSSAS FAMÍLIAS, PELO APOIO QUE SEMPRE NOS DERAM DURANTE TODA NOSSA CAMINHADA.

AO NOSSO ORIENTADOR, PELO INCENTIVO E PELA DEDICAÇÃO DO SEU TEMPO AO NOSSO PROJETO DE PESQUISA.

À UNIVERSIDADE UNIBRA E A TODOS OS PROFESSORES DO NOSSO CURSO, PELA QUALIDADE DE ENSINO.

*“Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo.
Todos nós sabemos alguma coisa. Todos
nós ignoramos alguma coisa. Por isso
aprendemos sempre.”
(Paulo Freire)*

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	07
2.REFERENCIAL TEÓRICO.....	09
2.1 O Abuso sexual e a infância na sociedade atual.....	09
2.1.1 Os efeitos do trauma refletidos na vítima do abuso.....	13
2.2 O abuso sexual infantil e suas consequências na infância	15
3 DELINEAMENTO METODOLÓGICO.....	17
4 RESULTADOS.....	18
5 DISCUSSÃO	33
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
7 REFERÊNCIAS.....	36

COMO A PSICOLOGIA TRABALHA COM O TRAUMA DE CRIANÇAS QUE SOFRERAM ABUSO SEXUAL

Alayne Maria Martins Duarte

Gislainy Santos Rocha da Paz Viana

Grenda Larissa Ibrahim Maciel

Lucas Ribeiro de Lima

Professor Orientador: Danilo Silva

Resumo: Termo utilizado para definir qualquer ato sexual que envolva crianças e adolescentes, contendo ou não contato físico, o abuso sexual infantil é um dos crimes mais recorrentes do país. Todavia, muitos dos casos não são denunciados justamente pelo crime ocorrer na própria casa da vítima, na maioria dos casos por pais e responsáveis. Desse modo o artigo visa analisar o trabalho do psicólogo com crianças que sofreram abuso sexual e possibilitar uma reintegração saudável desta criança no âmbito social. Tendo como objetivo geral analisar o trabalho da psicologia com crianças que sofreram abuso sexual. Nesse sentido analisamos os principais indícios dos abusos para compreender os possíveis traumas que a criança pode desenvolver depois do acontecimento. Sendo assim a pesquisa parte do problema de pesquisa formulado na seguinte pergunta: Como a psicologia trabalha o trauma de crianças que sofreram abuso sexual? Tendo em vista a apresentação da resposta desta pergunta, foi utilizada como procedimento metodológico a realização de uma revisão de literatura de caráter qualitativo descritivo, o rastreamento das publicações através das palavras chaves, chegando aos resultados aqui presentes, de estratégias aplicadas pela psicologia e a intervenção realizada com a família, para compreender o trabalho da psicologia com criança que sofre abuso sexual.

Palavras-chave: Abuso sexual infantil. Traumas na infância. Prevenção ao abuso. Intervenção psicológica.

1 INTRODUÇÃO

O abuso sexual na infância e adolescência é um tema de grande importância no meio social, uma vez que suas marcas não são visíveis, mas suas consequências provocam alterações comportamentais, que podem perdurar até a idade adulta.

Segundo dados da Ouvidoria Nacional dos Direitos Humanos, o disque 100 recebeu mais de 33 milhões de denúncias de violência sexual contra crianças e adolescentes nos anos de 2015 e 2016. (BRASIL, 2016). De acordo com o banco de dados epidemiológico do Ministério da Saúde, foram notificados 184 milhões de casos de violência sexual entre 2011 e 2018, sendo 76,5% desses crimes cometidos contra crianças e adolescentes, situação que pode estar ligada ao aumento da

vulnerabilidade dessa faixa etária (BRASIL, 2018). No ano de 2021 o Disque 100 registrou mais de 6 mil denúncias de violência sexual contra crianças e adolescentes, sendo essas informações referentes ao período de 1º de janeiro a 12 de maio de 2021. As denúncias relacionadas à violência sexual estão presentes em 17,5% das cerca de 35 mil denúncias de violência contra crianças e adolescentes no período. (BRASIL, 2021)

A maioria dos incidentes ocorreu em ambiente doméstico, sendo os pais e responsáveis os principais agressores (SOARES et al., 2016). Apesar de muito se falar sobre violência sexual nos dias atuais, compreender o conceito pode ajudar no combate ao abuso sexual em crianças, pois é por meio dele que podemos determinar onde o abuso está ocorrendo, como pode ser classificado, e quem pode ser o autor.

Qualquer contato ou interação entre uma criança ou adolescente e alguém em estágio mais avançado de desenvolvimento sexual, em que a criança ou adolescente esteja sendo utilizado para estimulação sexual do agressor, é definido como abuso sexual. Toques, carícias, sexo oral e relações penetrantes são exemplos de interação sexual (genital ou anal). O abuso sexual também inclui situações em que não há contato físico, como assédio e exibicionismo. Essas interações sexuais são impostas às crianças ou adolescentes por meio de violência física, ameaças ou indução de seu desejo (HABIGZANG, 2008).

É muito provável que uma criança ou adolescente que tenha sido submetido a abuso sexual tenha dificuldades na escola devido à falta de concentração e atenção. Também podem apresentar bloqueios no relacionamento com outras pessoas em decorrência de seus sentimentos de insegurança ou alterações emocionais, modificando seu comportamento no processo (HABIGZANG, 2008).

O presente trabalho se justifica pela importância da forma que o psicólogo intervém nesta situação, portanto este tipo de pesquisa é importante para contribuir para a formação do psicólogo e a prática do profissional que já atua na área e possibilitar uma reintegração saudável desta criança no âmbito social. Para uma correta compreensão, Azevedo (2001) retrata um ponto crucial: uma forma eficaz de combater e prevenir o abuso sexual são por meio de uma maior preparação dos profissionais que trabalham mais diretamente com o ser humano, como terapeutas, médicos, fisioterapeutas, professores e outros.

Para a realização desta pesquisa foi usado como base o seguinte questionamento: “como a psicologia trabalha com os traumas no atendimento de

crianças e adolescentes que têm sofrido abuso sexual? ”. O artigo também tem como objetivos específicos: Identificar o abuso sexual em crianças; analisar os principais indícios do abuso sexual; compreender os possíveis traumas que a criança pode desenvolver pós abuso. Sendo assim a pesquisa parte do problema de pesquisa formulado na seguinte pergunta: Como a psicologia com trabalha o trauma de crianças que sofreram abuso sexual? Tendo em vista a apresentação da resposta desta pergunta foi utilizada como procedimento metodológico a realização de uma revisão de literatura, para isso foram utilizadas como palavras chave: abuso sexual na infância, psicologia e o abuso sexual na infância, psicologia e abuso sexual. Tendo como resultado a pesquisa aqui exposta.

Além desta introdução, o artigo está estruturado da seguinte forma. Na primeira parte será apresentado o referencial teórico que consiste nos estudos acerca do tema proposto. Na segunda parte será apresentado o delineamento metodológico que consiste no planejamento da pesquisa. Na terceira parte serão apresentados os resultados. Na quarta parte será apresentada a discussão. E na quinta e última parte irá ser encontrado as considerações finais do trabalho

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 O Abuso sexual e a infância na sociedade atual

Desde a colonização do Brasil, dos séculos XVI ao XIX, eclodiu uma série de violações ao direito do público infantil, expressas em forma de abusos, tratamentos cruéis, negligências, violências, entre outras coisas. Rizzini (1996) demonstra que a jornada de não-cidadania das crianças brasileiras começou no período colonial.

Como resultado, vemos que o desenvolvimento de um país esteve historicamente ligado à exploração, ao domínio dos poderosos sobre os fracos, à opressão e à violência. “Foi entre pais, mestres, senhores e patrões, que pequenos corpos tanto se dobraram a violência, às humilhações, à força” (PRIORE, 2012, p. 10). Como resultado dessa construção social, está arraigada a ideia de que os mais fortes podem explorar e dominar segmentos sociais rotulados como vulneráveis (Faleiros, 2007). Isso ocorre em decorrência de representações e comportamentos compartilhados na sociedade sobre grupos sociais específicos, incluindo intersecções de raça/cor, gênero, classe, etários, deficiências, entre outros demarcadores.

Pacheco (2022) aponta que com o passar do tempo, desenvolve-se uma relação tensa com diversos tipos de abuso, principalmente o sexual, perpetrado contra

crianças e adolescentes. Independentemente dos avanços no aparato jurídico desse segmento, na condição de cidadão com direitos e deveres aparentemente reconhecidos no Brasil, essa problemática persiste na história das crianças de ambos os sexos em muitas partes do mundo.

Identificar os aspectos que a violência traz à mente quando confrontada com uma agressão sexual na infância é perceber que esse é um fator societário que ainda precisa ser abordado. Investigar esse tema é uma forma de contribuir para as discussões sobre responsabilidade social, pois estaremos questionando as intervenções e estratégias que são utilizadas na prevenção da violência e na discussão da sexualidade infantil ao longo da pesquisa.

Como muitos casos de abuso sexual têm ganhado destaque nas mídias nos tempos atuais, muitas pessoas se perguntam quais ações são necessárias para proteger a sociedade. A resposta não é simples porque envolve uma série de variáveis. Precisamos examinar nossa legislação atual e mudar as leis quando necessário. Deve-se promover o uso de psicólogos e terapeutas, bem como a promoção da educação sexual. Além disso, precisamos trabalhar com os pais para que eles possam criar melhor seus filhos com um senso de proteção.

Em 2021, o Disque 100 registrou quase 6 milhões de casos de violência sexual contra crianças e adolescentes. Os dados foram apresentados durante cerimônia do Ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos (MMFDH) em homenagem ao Dia Nacional de Combate ao Abuso e Exploração Sexual Infantil (BRASIL, 2021). O número de denúncias é apenas uma estimativa baixa pois a suspeita é que além dessas denúncias existem muitos casos sem denuncia registrada, pois muitas crianças e adolescentes sofrem calados, por temer as influências do pacto de silêncio dos familiares, vizinhos, profissionais e até mesmo da própria vítima, sendo assim impossível saber ao certo a proporção desses dados. (AZEVEDO; GUERRA, 2004).

Para Lustig (2014), algumas crianças desde muito novas precisam ser estimuladas e influenciadas a serem proativas e independentes dentre muitos outros seguimentos e fará com que ela se torne futuramente um adulto funcional, comunicativo e mentalmente estável, porém algumas são criadas de maneira que as limitam de aflorar essas potencialidades as tornando crianças quietas, sem autoconfiança, sem conhecimento de seu corpo e dos limites aceitos da aproximação do outro, pois por muitas vezes os pais os negligenciam estas informações, seja por falta de informação ou até mesmo apenas porque querem que seja desta forma, desta

forma as mesmas se tornam vulneráveis a situações de violência por muitas vezes até por parte da própria família. As crianças da nossa sociedade vivem em diferentes contextos, é aceitável compreendermos que encontram diversas concepções em tempos e lugares distintos, embasados na cultura, política e fatores sociais, que formam a identidade de cada criança. (LUSTIG et al, 2014).

De acordo com Lustig e outros (2014, p.7), “a concepção de infância existe em diferentes contextos, sendo caracterizada por um processo dialético de idas e vindas, avanços e retrocessos, não é uma construção linear, mas sinuosa”

A percepção da necessidade de cuidado e importância para com a criança só começou a ganhar forma no Renascimento na Idade Moderna, período em que o homem passa a assumir um papel central e tornando-se produtor do seu destino. Segundo Bernartt (2009) com o passar da modernidade, a condição da criança pobre foi ficando mais visível, sendo assim, “Com o crescimento das grandes cidades, da industrialização e da pobreza no Brasil. As crianças tornaram-se um problema social do Estado” (BERNARTT, 2009. p. 4).

A difícil realidade da maioria das crianças brasileiras e as consequências sociais dessa situação, associada às pressões de mecanismos internacionais, impulsionaram ações de atendimentos às crianças e adolescentes por parte do poder público. Dessa forma, as medidas de atendimento às crianças vão tornando-se emergenciais e passam a ser concretizadas no início do século XX (BERNARTT, 2009, p.4232).

Como resultado, a transmissão de valores e saberes, bem como, em sentido mais amplo, a socialização das crianças, não eram garantidas nem controladas pela família. Ao longo dos séculos, a educação foi assegurada através da aprendizagem, graças à cooperação das crianças e dos jovens com os adultos. Uma criança aprende o que precisa saber ajudando os adultos a fazê-lo. No mundo atual, a definição de infância é determinada pelos significados dados pelos adultos no contexto social em que estão imersos, conforme citado pelo autor:

Dessa forma, a ideia de infância na atualidade não pode ser desvinculada da história, das diferentes visões em torno da criança que contribuíram para sua condição atual. Ou seja, o conceito de infância tem sido construído historicamente e reflete os valores presentes na sociedade em diferentes períodos. (BERNARTT, 2009, p. 4226).

Segundo o autor Guimarães (2012), a sexualidade começa no nascimento e continua por toda a vida da pessoa, constituindo uma disposição psicológica universal inerte à condição física do indivíduo. As pulsões sexuais se desenvolvem como resultado das necessidades sexuais. Para Freud: “O fato da existência de

necessidades sexuais no homem e no animal expressa-se na biologia pelo pressuposto de uma pulsão sexual” (FREUD, 1997, p.13).

A sexualidade é um aspecto do desenvolvimento da criança e é vivenciada por meio do meio social em que ela está inserida, devendo ser retratada como "objeto de conhecimento", segundo Andrade (1995, p.15) “conhecê-la (a sexualidade) assume o sentido de organizar, estruturar e explicar num contexto de vida e também de ação sobre os objetos que estão imersos num sistema de relações sociais”.

Iniciamos refletindo sobre a infância e como a sexualidade é formada a partir das vivências que ocorrem ao longo desse período. Distinguir a sexualidade com uma criança permite que um adulto intervenha no processo e identifique eventuais violações. Violência, abuso sexual, explorações e outras formas de violência fazem parte da história da sociedade, e todas são violações de direitos humanos, atingindo adultos e crianças, afetando aspectos cognitivos, sociais, psicológicos, físicos e emocionais.

O Ministério Público do Distrito Federal e Territórios (2019) tem um conceito ainda mais detalhado a respeito da temática, e direcionado para a violência sexual cometida contra crianças e adolescentes, como podemos ler:

Trata-se de uma situação em que uma criança ou adolescente é invadido em sua sexualidade e usado para gratificação sexual de um adulto ou mesmo de um adolescente mais velho. Pode incluir desde carícias, manipulação dos genitais, mama ou ânus, voyeurismo, exibicionismo ou até o ato sexual com ou sem penetração. Muitas vezes o agressor pode ser um membro da própria família ou pessoa com quem a criança convive, ou ainda alguém que frequenta o círculo familiar. O abuso sexual deturpa às relações sócio afetivas e culturais entre adultos e crianças ou adolescentes ao transformá-las em relações generalizadas, erotizadas, comerciais, violentas e criminosas (MPDFT, 2019).

De acordo com Silva (2022), o abuso sexual pode ocorrer dentro ou fora de casa e geralmente envolve o corpo da vítima, seja ela criança ou adolescente, sendo usado para obter satisfação sexual. O ato pode ser realizado por um adulto ou adolescente, podendo ser realizado com ou sem violência física. Seduzir, tocar, despir, olhar, fazer carícias e participar de atividades sexuais que envolvam crianças ou adolescentes também são considerados abusos sexuais.

Como resultado, o abuso sexual pode ocorrer dentro e fora da família. No caso de agressão sexual intrafamiliar, o crime ocorre em um ambiente familiar, o que significa que a vítima compartilha algum nível de autoridade parental com o agressor.

No caso de agressão sexual extrafamiliar, no entanto, não há relação ou conexão entre a vítima e o agressor. Diante disso, o abuso sexual pode ser definido como qualquer ato que ultrapasse os limites das relações sexuais normais com o único propósito de satisfazer os desejos sexuais do agressor. (SILVA, 2022)

O abuso sexual causa uma variedade de problemas emocionais, fisiológicos e psicológicos, necessitando da atenção constante da família às mudanças no comportamento da criança, tais como:

Distúrbio do sono, dor abdominal, enurese noturna, fraco desempenho escolar, depressão, comportamento sexualizado e inadequado para sua idade, choro fácil, medo de pessoas em geral, comportamento suicida ou falta de confiança no sexo oposto, no caso de meninas abusadas por homens. (COSTA, 2002, p.13).

Esses fatores se manifestam em mudanças de comportamento, por vezes detectadas por um familiar, professor, médico, etc., pois o abuso é um ato "surpresa" que tira o conforto, a segurança e a confiança da família. Proteger, cuidar e guardar zelosamente a vida e o desenvolvimento do filho é o papel da família, conforme estabelecido na lei. Artigo 70 do Estatuto da Criança e do Adolescente (2012): "É dever de todos prevenir a ocorrência de ameaça ou violação dos direitos da criança e do adolescente".

Dentre estes muitos malefícios que a violência pode trazer para a vida da criança devemos pautar também o trauma, sendo este um problema que irá acarretar imensos estragos na vida futura desta criança, caso não seja intermediado através da ajuda de um profissional para que seja realizado todo o trabalho necessário juntamente com a vítima para irradiar este problema que permanece no consciente e subconsciente da vítima mesmo após a violência física ou mental, caso contrário pode provocar danos permanentes que podem perpetuar até a vida adulta.

2.1.1. Os efeitos do trauma refletidos na vítima do abuso

Trauma é um termo abrangente para descrever a gama de experiências que têm um impacto imediato sobre o corpo e o cérebro, mas também têm um efeito duradouro e muitas vezes imprevisível. Estes efeitos podem aparecer de muitas maneiras diferentes e em contextos diferentes. No rescaldo de um evento traumático, a vítima pode se sentir irritável e nervosa sem razão aparente e pode ter dificuldades para se concentrar ou esquecer um nome ou um rosto, se sentir isolado ou como se

todos estivessem olhando para ela e também pode ter pesadelos e flashbacks, ou outros pensamentos ou imagens intrusivas do evento. (WACQUANT, 2000)

De acordo com Da Silva (2018), há fábricas sociais de traumas bem conhecidas, organizadas por gente poderosa. São prisões, conventos, quartéis, hospitais, relacionados entre si de forma clássica nas obras de Goffman (1999) e Foucault (1999). O trauma pode afetar qualquer pessoa e o todo de maneira diferente, também é importante ser capaz de detectar os primeiros sinais de alerta para que a vítima possa obter a ajuda de que precisa, mais cedo do que tarde. Tendo um efeito profundo sobre o cérebro. É conhecido por mudar a maneira como funciona, assim como a forma como armazena e recupera informações.

Estudos de traumatismos cerebrais, ou TCE, mostraram que mesmo golpes leves na cabeça podem causar mudanças no humor e na personalidade. Quando há um dano cerebral, os cientistas acreditam que isto afeta a forma como os produtos químicos são capazes de funcionar e fluir dentro do cérebro. Isto pode resultar em mudanças na forma como os indivíduos processam seus pensamentos, emoções e memórias, que pode ser o motivo pelo qual as pessoas que tiveram experiências traumáticas são mais propensas a sofrer de distúrbios de humor como depressão ou ansiedade.

Para Habigzang (2010) se a vítima já sofreu um trauma, ele pode ter um efeito profundo em seu cérebro e em sua psicologia. O transtorno de estresse pós-traumático (TEPT) é um transtorno de ansiedade que está intimamente ligado a experiências traumáticas. Estima-se que uma em cada três pessoas vivenciará pelo menos um evento traumático em sua vida e cerca de 7-8% da população desenvolverá o TEPT. O trauma também pode levar a outros distúrbios de saúde mental, tais como depressão ou dependência.

O TEPT é um transtorno de ansiedade que ocorre após a exposição a um evento traumático. Nele a avaliação subjetiva da vítima, envolvendo resposta de pavor e medo (Critério A), está interligada a sintomas de revivência, evitação e excitabilidade fisiológica aumentada; ao tempo (superior a um mês, Critério E); e ao prejuízo funcional (Critério F). (HABIGZANG, 2010, p. 29)

O trauma também pode ter impacto na memória, humor e relacionamentos. Pode afetar como o indivíduo pensa, como se sente, como se comporta e como acredita que os outros o veem. A recuperação de um trauma leva tempo e apoio dos outros, mas isso acontece com muito trabalho.

Uma maneira de dizer se você está lutando contra os efeitos do trauma é observando mudanças em seus pensamentos e comportamentos após um evento traumático ou uma série de eventos. Sinais comuns incluem a retirada de amigos ou familiares; evitar coisas que os lembrem do evento; pesadelos; pensamentos sobre morte ou suicídio; sentir-se chateado quando ouvem uma sirene de ambulância; sentir-se nervoso ou entorpecido; ter dificuldade para se concentrar em qualquer outra coisa além de seus pensamentos sobre o evento; sentir-se irritável o tempo todo sem motivo (especialmente após um lembrete); sentir que estão procurando perigo em todos os lugares (mesmo que não haja nenhum). (HIRSCHMAN, 1997)

2.2 O abuso sexual infantil e suas consequências na infância

Segundo a OMS (2015), o abuso sexual é um dos maiores problemas de saúde pública no Brasil, com cerca de mais de 180 mil crianças vítimas nos últimos 4 anos. O abuso sexual começa muitas vezes dentro da própria casa e um dos principais desafios é identificar quando começa e por quem é praticado, pois o abusador muitas vezes é quem menos se imagina, por isso a dificuldade em identificar é maior, pois o perfil do abusador muitas vezes é de manipular a vítima para que ele não pareça o culpado, jogando muitas vezes a culpa na vítima e também manipula todos os que estão em volta para se passar por inocente e invalidar as palavras de quem foi abusado (a).

As consequências que o abuso sexual traz para a infância, além de danosa, são, muitas vezes, causas de diversos traumas que a criança pode desenvolver durante sua vida, traumas esses que podem ser físicos, psíquicos, sociais, etc. Segundo Prado (2004), os sintomas atingem todas as esferas de atividades, podendo ser simbolicamente a concretização, ao nível do corpo e do comportamento, daquilo que a criança ou o adolescente sofreu. Ao passar por uma experiência de violação de seu próprio corpo, elas reagem de forma somática independentemente de sua idade, uma vez que sensações novas foram despertadas e não puderam ser integradas.

Ao falar do abuso sexual é importante discutir as consequências que ficam marcadas no corpo das vítimas, que é de extremo cuidado e observação, pois além da violação do corpo, muitas vezes causam ferimentos graves na pele, marcas de enforcamento, lesões genitais e anais, e até mesmo marcas de cigarro quando o abusador também é um sádico. Com isso, o primeiro sintoma que uma criança vítima

do abuso demonstra é visto no seu corpo, num andar mais calegado, numa forma de sentar diferente, demonstrando dor e desconforto. Porém, muitas vezes isso não é visível de forma física, pois os sintomas aparecem de forma psíquica, a criança para de socializar não só com outras crianças como também com todos em sua volta, o comportamento dela sofre mudanças drásticas, passando a ficar mais agressiva ou mais retraída e muitas vezes o isolamento passa a ser constante em sua vida.

Os sintomas construídos durante uma experiência traumática afetam não somente os pensamentos do indivíduo, mas a sua memória, o estado de consciência e todo o campo de ação, de iniciativa e de objetividade na vida. Muitas vítimas criam uma área de proteção em volta de si que as impede de continuar com a vida normal. Algumas das vítimas de violência física seja ela estupro ou pancada evita sair de casa, tem medo de andar sozinho, rejeita sexo ou qualquer contato físico (SILVA, 2000, p. 32).

O segredo é algo que a criança vítima do abuso carrega consigo durante muito tempo, muitas vezes por medo de contar e ser contrariada pela própria família, que prefere acreditar no abusador por ele ser adulto e da família ou por ser alguém próximo, com isso a dificuldade em se trabalhar o caso de abuso na clínica terapêutica acaba sendo maior, pois a criança não consegue verbalizar e se sente acuada e culpada por algo em que ela é a vítima. Prado (2004) afirma de que o segredo permanece causando diversos comprometimentos psicológicos, alimentados por uma angústia dupla: não contar por temer o agressor e não contar por temer não ser acreditada pela genitora ou pelo restante da família. Em seu silêncio, é possível perceber que, ao mesmo tempo em que a vítima não denuncia o agressor, ela também paralisa, não se protegendo por outros meios como se faltassem recursos mediadores para isso. Dependendo da idade da vítima, muitas vezes o recurso mediador passa pela ordem simbólica, podendo ser aquilo que ela é capaz de mostrar ou dizer com suas palavras ou comportamentos.

Sentimento de culpa é corriqueiro entre crianças e adolescentes sexualmente abusadas, sendo a culpa um dos efeitos emocionais mais severos que resultam da interação abusiva, especialmente se esta foi incestuosa e durou por muito tempo. Quanto ao sentimento de culpa, soma-se o dano secundário da estigmatização, devido à acusação por parte dos pais e da família (FURNISS, 1993).

Muitas vezes alguns comportamentos da criança dão indícios que ela possa estar sendo sexualizada e sofrendo o abuso sexual, como por exemplo, uma

brincadeira que ela faz com seus brinquedos, introduzindo o dedo no ânus ou vagina de suas bonecas, masturbando ou acariciando. A curiosidade em saber de determinados assuntos de cunho sexual também pode ser algum indício. Esses comportamentos são acompanhados durante a terapia com o profissional, por meio da observação e/ou brincadeiras que estimulam a criança a se soltar e a falarem o que está acontecendo, um exemplo disso é o relato de Araújo ao site Hoje em dia:

"Era uma criança muito pequena, de uns 5 anos, que não conseguia falar, tinha muita dificuldade para relatar o ocorrido. Na sala havia um baú de madeira que eu falei que era mágico. Um lugar muito especial que as crianças guardavam os seus segredos. Eu usei um fantoche que estava dentro deste baú mágico e a criança contou o que aconteceu para o fantoche" - Jaqueline de Araújo (HOJE EM DIA, 2019)

Com isso, um trabalho terapêutico bem executado ajuda a criança a se livrar da culpa que ela carrega, assim como também ajuda a inseri-la novamente em seu meio de convivência com as pessoas da sua família e as demais, removendo aos poucos o medo que ela produziu durante algum tempo, porém, muitas vezes esses traumas ficam pra sempre com a criança, desencadeando doenças como depressão, síndrome do pânico, etc. Isso faz com que o terapeuta tenha um cuidado redobrado com a vítima, a fim de amenizar esses sintomas e a criança possa voltar a ter sua vida retomada com controle de suas doenças.

3. DELINEAMENTO METODOLÓGICO

Para a revisão bibliográfica foi realizado um mapeamento nas seguintes bases de dados: Biblioteca Virtual em Saúde Psicologia (BVS PSI) e SciELO, no período de março a abril de 2022, mediante as palavras chave: abuso sexual, trauma, abuso sexual infanto-juvenil, violência sexual contra criança e adolescente.

A metodologia iniciou-se com a busca das publicações através das palavras chaves, após a verificação das publicações, os resumos foram analisados através dos critérios de inclusão/exclusão preestabelecidos, que serão descritos na sequência. Foram incluídos neste estudo todos os artigos empíricos encontrados, no idioma português, em revistas indexadas, teses e dissertações, sendo selecionados artigos científicos com diferentes métodos de estudo, alguns capítulos de livros, documentos oficiais e sites. Foram excluídos nesse estudo, documentos que apresentassem

duplicata entre as informações, temas que fugissem um pouco do objetivo proposto, ou que não estivessem disponíveis no meio digital.

Após buscar as informações, foram escolhidos inicialmente 35 documentos. Destes, sete foram excluídos por apresentarem duplicata nas informações, dois por não estarem disponíveis no meio digital e três por fugirem do tema proposto. Dessa forma o trabalho contemplou um total de 23 documentos, sendo dezoito artigos, uma tese de mestrado, uma tese de doutorado, e três leis que regulamentam a temática.

A abordagem da psicologia utilizada para este trabalho de conclusão de curso foi a TCC (Terapia Cognitiva Comportamental), visto que, é a abordagem que atua centrada em problemas específicos, com intuito de gerar soluções funcionais aos indivíduos que foram vítimas de tal violência. Na TCC, o ser humano interpreta os acontecimentos que os afeta, seja numa situação de desconforto, medo, tristeza, entre outros.

A autora Luísa Habigzang é especialista nesta abordagem, sua metodologia aponta conceitos que tem como objetivo fornecer subsídios teóricos e práticos sobre o abuso, com base na entrevista clínica com crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual, visando à obtenção do relato sobre a experiência abusiva. E em outra pesquisa aponta identificar e analisar as medidas adotadas pela rede de apoio de crianças e adolescentes após a revelação de abuso sexual, servindo como uma grande base de dados para a pesquisa que aqui se encontra.

4. RESULTADOS

ANDRADE, Claudia.	1995	A fala da criança sobre sexualidade humana: o dito, o explícito e o oculto	Objeto de investigação: as ideias infantis sobre a sexualidade, o que as crianças dizem, explicitam ou ocultam, revelando o contexto sócio histórico em que vivem. "A partir da fala da criança, poderia inferir suas estruturas cognitivas e afetivas, que refletem sua constituição.	O livro é recheado com desenhos e falas que demonstram o percurso e o investimento que as crianças fazem para construir conhecimento sobre sexualidade.	Colabora para a demonstração dos resultados obtidos, não tem somente um caráter ilustrativo, podendo ser traduzido como um aviso aos adultos de que a criança olvida seus melhores esforços para compreender o mundo em que vive e, portanto, merece respeito. Além do mais, a inclusão dos sonhos e das falas permite-nos o prazer de acessar as descobertas infantis, e rouba-nos gostosos sorrisos.
-------------------	------	--	--	---	--

AZEVEDO, Maria e GUERRA, Viviane.	2004	Violência doméstica contra crianças e adolescentes.	Este estudo apresenta características gerais de famílias nas quais houve a ocorrência de violência doméstica contra crianças, e avalia os resultados de seu acompanhamento pelo Centro Regional de Atenção aos Maus-Tratos na Infância (CRAMI-Rio Preto).	Foram entrevistadas cinquenta e cinco famílias, que responderam um questionário estruturado. A forma de violência mais prevalente foi a física, presente em 58% dos casos. 60% das vítimas são do sexo feminino, e a mãe é agressora em 49% das situações analisadas. Os principais fatores desencadeantes da violência, identificados pelas famílias, são conflitos do casal (58%), características próprias da criança (51%) e histórico de vida dos pais (49%). A maioria das famílias (80%) acredita que a intervenção proporcionou interrupção ou diminuição na intensidade da violência e a forma de acompanhamento que mais houve adesão dos pais foi por meio das visitas domiciliares	A intervenção junto dessas famílias pode ter resultados satisfatórios, desde que a violência possa ser compreendida em seus vários aspectos, ou seja, um sintoma presente no grupo familiar modelado por dificuldades de diferentes naturezas: cultural, social, econômica e das relações interpessoais.
BAARS, Renata.	2009	Levantamentos sobre crianças em situações de risco no Brasil.	Fazer o levantamento para entender o número de crianças em situações de risco no Brasil. E demonstrar algumas políticas públicas criadas para erradicar essa realidade.	O presente estudo apresenta alguns dados referentes às situações de vulnerabilidade de crianças e adolescentes no Brasil, com o intuito de alertar para a grave situação desse grupo, e para que o Poder Público priorize políticas necessárias para reduzir as ameaças e as violações de seus direitos.	O Brasil ainda apresenta altos índices de violação dos direitos das crianças e dos adolescentes, embora os números indiquem tendência de queda. As principais formas de violação identificadas contra esse vulnerável grupo são o abandono, o trabalho precoce e a exploração sexual.

BERNARTT, Roseane.	2009	A infância a partir de um olhar sócio histórico	Entendimento das diferentes representações que as crianças receberam no decorrer da história da humanidade.	Poucas são as referências a respeito da infância nos estágios iniciais da civilização humana, as evidências que alguns estudos trazem sobre a mortalidade infantil, oferece indícios sobre a vida das crianças nesse período. A história nos mostra, que na antiguidade a mortalidade infantil era altíssima, em função das condições precárias de sobrevivência ou mesmo por opção.	Além da grande defasagem de vagas, a educação das crianças brasileiras atendidas na rede pública ainda revela uma forte característica assistencial. A predominância da assistência fica visível no cotidiano das instituições e nas concepções de infância e educação expressas na atuação dos profissionais desse segmento. Mais do que assistência nossas crianças precisam de educação de qualidade. Só então poderemos conceber uma nova realidade para a infância brasileira e fazer uso da expressão: crianças cidadãos.
COSTA, Dirce.	2002	Para além do silêncio: Um estudo sobre abuso sexual infantil e resiliência.	Analisar casos de abuso na infância e suas sequelas na vida da criança.	Compreendendo porque crianças, adolescentes e suas famílias podem silenciar sobre o abuso, propomos formas de atenção e apoio que possam ajudar no processo singular de reconstrução psíquica. Parafraseando Sartre, não podemos reduzi-los ao abuso, pois o essencial não é o que foi feito com eles, mas o que eles fazem daquilo que fizeram deles.	Queremos terminar acreditando que, tal como no conto de fadas, onde Pele de Asno encontra a possibilidade de reconstrução de sua subjetividade ameaçada, é possível iluminar outros aspectos das personalidades de nossas Lindas, Flores e Lilis.

CARVALHO, Luis.	2009	Governando a educação pelo espelho do perito: uma análise do pisa como instrumento de regulação	Este artigo analisa o Programme for International Student Assessment (PISA), desenvolvido sob a égide da OCDE, como um instrumento baseado e gerador de conhecimento que participa na coordenação da ação pública no sector educativo.	O texto retoma as análises desenvolvidas numa pesquisa sobre a fabricação supranacional do Programa PISA, realizada no âmbito de um projeto de investigação europeu acerca do papel do conhecimento nas políticas públicas de educação e saúde na Europa – Knowandpol. Equacionando o PISA– como um complexo processo de construção de um espaço de regulação política transnacional, o artigo analisa os elementos cognitivos e normativos do instrumento relacionados com a definição da “realidade educacional”, com a determinação das formas “apropriadas” ao seu governo, e com a produção de conhecimento para a política.	Paralelamente, estas comparações constituem instrumentos para o exercício do governo e para o seu escrutínio a uma escala nacional. Deste ponto de vista, a imagem que o “espelho” devolve é, em si mesma, um discurso de poder, tanto por via da culpabilização e da responsabilização, quanto por via da esperança, do optimismo e da confiança na possibilidade de reforma que verte sobre os políticos e as políticas nacionais.
-----------------	------	---	--	---	--

DA SILVA, Mariana.	2018	Contextualização da sexualidade e violência sexual infantil: o papel da psicologia mediante casos de suspeita de abuso.	Compreensão das possibilidades de atuação e desafios encontrados pela Psicologia na intervenção do profissional aos casos de abuso sexual, sobretudo no que diz respeito ao atendimento de crianças.	Esta pesquisa aponta para a necessidade de problematizar a temática da sexualidade infantil, uma vez que vivenciamos um crescente número de casos de abuso sexual, e tendo em vista que os mesmos fazem parte de diversos contextos sociais. A sexualidade infantil fundamenta-se do processo de desenvolvimento do ser humano, formando a identidade da criança e futuro adulto. É fundamental que a família converse com a criança e procure ajuda quando não souber como proceder diante da sexualidade infantil. É imprescindível que não oculte informações da criança, mas sem deixar de respeitar o desenvolvimento cognitivo de entendimento e sua faixa etária.	Diante da discussão do tema, percebeu-se a necessidade de fortalecer Políticas Públicas de enfrentamento ao abuso sexual infantil, possibilitando que as denúncias recebidas não sejam engavetadas, mas que haja um trabalho no sentido de solucioná-las. Dialogar e contextualizar a história em relação à sexualidade, o abuso sexual e atuação dos profissionais da psicologia, permitiu compreender qual o nosso papel social enquanto sujeito político mediante a uma violação de direito, denunciar, acolher e compreender, mas já mais permite que o silêncio seja a solução, é preciso proporcionar a resiliência dos que sofrem ao abuso.
--------------------	------	---	--	--	--

<p>DAHLBERG, Linda e KRUG, Etienne.</p>	<p>2007</p>	<p>Violência: um problema global de saúde pública.</p>	<p>Apresenta uma descrição geral da problemática e a posição da OMS. Nele, os autores se dedicam a responder algumas questões básicas: o estado do conhecimento sobre o assunto; os conceitos e definições com os quais a OMS trabalha; a natureza e a tipologia sobre violência; as formas de abordagem quantitativa e qualitativa em um modelo ecológico; o lugar e o papel da saúde pública e sua potencialidade com vistas a contribuir para prevenir e diminuir a violência no mundo; as responsabilidades das nações e dos gestores em todos os níveis; os obstáculos para atuação e os desafios para o setor.</p>	<p>A saúde pública se interessa pela saúde e bem-estar das populações como um todo. A violência impõe uma carga pesada no bem-estar da população. O objetivo da saúde pública é criar comunidades seguras e sadias em todo o mundo. A prioridade maior, atualmente, consiste em persuadir todos os diversos setores - a nível global, nacional e comunitário - a se comprometer com tal objetivo. As autoridades da saúde pública podem fazer muito para estabelecer planos e políticas nacionais para prevenir a violência, realizando parcerias entre os vários setores e assegurando dotação de recursos para as ações preventivas.</p>	<p>Embora a liderança da saúde pública não precise e não possa dirigir todas as ações para prevenir e reagir à violência, as autoridades e líderes têm um papel relevante nesse âmbito. Os dados existentes no acervo da saúde pública e outras agências, as visões e a compreensão obtidas por intermédio do método científico e a dedicação no sentido de encontrar respostas verdadeiras são contribuições importantes que a área da saúde pública faz às reações globais contra a violência.</p>
---	-------------	--	--	--	--

FLORENTINO, Bruno.	2015	As possíveis consequências do abuso sexual praticado contra crianças e adolescentes.	Realizar uma discussão sobre os impactos da violência sexual sobre as crianças e adolescentes.	Conforme apontado por meio da sistematização dos estudos de diversos autores, as consequências do abuso sexual são extensas e diversas para as vítimas. Diferentes autores abordam a temática sob os mais singulares pontos de vista. Médicos, psiquiatras, psicólogos, sociólogos e outras categorias profissionais já tentaram, e continuam tentando delinear quais são as consequências decorrentes de uma situação de abuso sexual infanto-juvenil, para que, assim, se construam propostas de intervenções mais específicas no sentido de minimizar os danos dessa violência.	Em suma: não é possível generalizar ou delimitar perfeitamente os efeitos do abuso sexual, uma vez que a gravidade e a extensão das consequências dependem de particularidades da experiência de cada vítima. Dentro desta perspectiva, é importante pensar o assunto sob a ótica da singularidade de cada indivíduo – criança ou adolescente – para não cair em um reducionismo ou generalíssimo. Cada criança ou adolescente que sofre abuso sexual é uma potencial vítima de uma ou mais consequências descritas anteriormente.
--------------------	------	--	--	--	--

FALEIROS, Vicente e FALEIROS, Eva.	2007	Escola que Protege: enfrentando a violência contra crianças e adolescentes.	Compartilhar com profissionais de educação, entre outros, os conhecimentos acumulados sobre as diferentes formas pelas quais essa violência se manifesta, os espaços sociais que promovem as ações agressivas e as principais situações de risco.	Elaboramos uma breve retrospectiva histórica sobre os riscos e vulnerabilidades enfrentados por crianças e adolescentes. Os fatos resgatados demonstram a extensão e a intensidade das agressões que violam os direitos humanos. Nesse cenário, surgem também as primeiras iniciativas de consolidação dos espaços de proteção, bases legais e políticas públicas voltadas para a promoção da guarda e do acolhimento de crianças e adolescentes. Mesmo assim, a história não deixa dúvidas de que a violência está enraizada em nosso cotidiano e muito mais próxima do que admitimos pensar.	A realização desta publicação nos fez experimentar um sentimento de que o percurso está iniciado. Evidencia- se, a partir do conhecimento coletado, que ainda há muito que fazer para desconstruir as tradições cruéis que colocam em risco o desenvolvimento pleno dos cidadãos em fase de formação.
---------------------------------------	------	--	---	---	--

<p>GUIMARÃES, Veridiana.</p>	<p>2012</p>	<p>A concepção freudiana da sexualidade infantil e as implicações da cultura e educação.</p>	<p>Analisa, na perspectiva freudiana, aspectos da sexualidade infantil em seus nexos irreversíveis com a exterioridade do objeto e a dimensão sociocultural, e discute a sexualidade mais primitiva e corporal, a sexualidade infantil.</p>	<p>A psicanálise freudiana concebe o homem como um portador de Estímulos a que, necessariamente, deve dar vazão. Desde o seu nascimento, ele é fadado a realizar o domínio das excitações ou estímulos como uma das principais tarefas impostas à psique e com essa tarefa ele terá de lidar ao longo da vida.</p>	<p>Compreende-se, portanto, que a pulsão sexual precisa se submeter a desvios, adiamentos e processos de constituição para que sejam viáveis uma estruturação do eu e a própria vida em sociedade; a pulsão sexual deve se submeter ao princípio da realidade. É essa a possibilidade de vida encontrada entre os homens, visto que a satisfação imediata e total coincidiria com a sua dissolução. Essas circunstâncias indicam que o processo de instauração do princípio da realidade é tributário da inserção do outro na dinâmica psíquica subjetiva, ainda não no viés edipiano, mas no sentido de que há, certamente, implicações da realidade externa, da cultura, da educação no funcionamento e desenvolvimento do psiquismo.</p>
----------------------------------	-------------	--	---	--	---

HABIGZANG, Luiza.	2011	A revelação de abuso sexual: as medidas adotadas pela rede de apoio	Identificar e analisar as medidas adotadas pela rede de apoio de crianças e adolescentes após a revelação de abuso sexual.	As medidas de proteção adotadas pela rede foram mapeadas através de entrevista semiestruturada. A revelação foi feita aos pais em 42,5% da amostra e 92,5% das pessoas acreditaram. O abrigo ocorreu em 35% dos casos e o restante permaneceu com a família que afastou o agressor. A atitude de confiança da família na revelação e a denúncia da violência constituíram-se em um fator de proteção. Contudo, o alto índice de abrigo e o não acompanhamento efetivo do afastamento do agressor representaram fatores de risco.	A falta de capacitação da rede para identificar os casos de abuso sexual e de conhecimento das leis de proteção à criança e ao adolescente são fatores que contribuem para a potencializar os riscos do abuso sexual para a vítima e sua família. Outro fator que contribui para a ineficácia do sistema de proteção é a falta de comunicação e planejamento coordenado de diferentes serviços que compõem a rede.
-------------------	------	---	--	--	--

HABIGZANG, Luiza.	2009	Entrevista clínica com crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual.	Fornecer subsídios teóricos e práticos sobre a entrevista clínica com crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual, visando à obtenção do relato sobre a experiência abusiva. Aspectos como as possíveis consequências do abuso sexual, o setting da entrevista, a postura dos entrevistadores e as características da revelação pela criança estão apresentadas, bem como um roteiro de entrevista.	A comprovação da validade da declaração avalia a adequação da linguagem, maneira como se deu a entrevista (se foram feitas perguntas sugestivas ou coercitivas), motivos que levaram a criança a revelar o abuso e a consistência desta declaração com outras provas disponíveis.	Obter o relato de uma criança sobre situações de abuso sexual é uma tarefa complexa que requer a capacitação dos profissionais para realizar um diagnóstico, baseado em indicadores concretos. O cuidado principal consiste em preservar e garantir os direitos da criança e trabalhar para o seu melhor interesse, sem tornar a entrevista uma revitalização. Demonstrar credibilidade ao relato da criança e criar um espaço seguro contribuem para que esta se sinta confiante e traga mais informações sobre a violência.
HABIGZANG, Luiza.	2010	Caracterização dos sintomas do Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT) em meninas vítimas de abuso sexual.	Descrever a presença de sintomas ou do diagnóstico do Transtorno do Estresse Pós-Traumático (TEPT) em meninas vítimas de abuso sexual.	Os resultados apontaram semelhanças na presença do diagnóstico de TEPT nas duas amostras, próxima a 70%, apesar de os instrumentos indicarem diferenças específicas quanto à manifestação dos critérios C (evitação e entorpecimento) e critério D (excitabilidade aumentada).	Pequenas diferenças na estrutura e na forma de aplicação dos instrumentos foram observadas. Conclui-se que ambos se aplicam à pesquisa e à avaliação clínica do TEPT infantil.

HIRSCHMAN, Albert.	1997	As Paixões e os Interesses.	Essas passagens citadas deixam transparecer uma explicação bastante direta para o fracasso de Smith em dar muita importância aos efeitos humanos e políticos da ascensão do comércio e da indústria: ao mesmo tempo que via algumas vantagens nele, tais como o efeito positivo sobre a probidade e a pontualidade, 6 0 considerava como prejudiciais algumas das mesmas consequências do comércio que haviam sido bem acolhidas por escritores que, como Montesquieu, tinham ficado mais impressionados com os desastres que o "espírito marcial" acarreta na Idade Moderna.	Como resultado de sua ênfase nas molas não-econômicas da ação econômica, tornou-se possível para Smith concentrar-se no comportamento econômico de uma maneira perfeitamente compatível com seu interesse anterior em outras dimensões importantes da personalidade humana.	Ao afirmar que a ambição, a ânsia de poder e o desejo de merecer respeito podem ser satisfeitos pela melhoria econômica, Smith golpeou na base a ideia de que se pode opor paixão a paixão, ou os interesses às paixões.
LUSTIG, Andreia.	2014	Criança e infância: Contexto histórico social.	Refletir sobre temáticas acerca da educação na infância, em suas diversas abordagens, cujo foco centra-se na qualidade do ensino oferecido na Educação Infantil e nas séries iniciais do Ensino Fundamental.	Além de trazer contribuições acerca da diferença entre as concepções de infância e criança, a primeira compreendida, em síntese, como uma etapa da vida da pessoa e, a segunda, como sujeito histórico, social e cultural, observamos que os documentos oficiais vão ao encontro dessas proposições, ao conceber que a criança possui características e especificidades inerentes a esta fase de desenvolvimento.	Assim as reflexões hora apresentadas, nos convidam a pensar numa educação de qualidade, que faça sentido para a criança, para que ela conceba a escola como lugar de realizações.

PACHECO, Juliane.	2022	O trabalho de assistentes sociais no enfrentamento à violência sexual contra crianças e adolescentes: eis a questão.	Contextualizar acerca do processo de trabalho do assistente social no atendimento a crianças e adolescentes em situação de violência sexual através do Serviço de Proteção e Atendimento Especializado a Famílias e Indivíduos, executado no CREAS de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul	Os principais resultados evidenciaram que esse grupo possibilitou o fortalecimento de vínculos, da identidade, o empoderamento através da informação assertiva, autonomia e cidadania.	Assim como trouxe à tona a importância da legitimação do Estatuto da Criança e do Adolescente. Essa problemática ganhou mais evidência, à medida que vivenciamos o isolamento social em tempos pandêmicos. Portanto, trata-se de um tema relevante para discussão e para subsídio para a construção de novas práticas profissionais de assistentes sociais no enfrentamento dessa questão social, discutido a partir do método do materialismo dialético
PFEIFFER, Luci e Salvagni.	2005	Visão atual do abuso sexual na infância e adolescência.	Revisar os aspectos peculiares que envolvem o abuso sexual na infância e na adolescência, oferecendo subsídios para o diagnóstico e conduta corretos, salientando suas consequências a curto e longo prazo.	O envolvimento familiar deve ser levado em conta. Todas as distorções de relacionamento necessitam ser avaliadas e tratadas, para que se interrompa sua continuidade, que se dará no abuso intergeracional e na possibilidade de revitimização. A identificação da violência doméstica e dos sinais de alerta físicos e psicológicos para o abuso sexual fazem parte da avaliação.	Todo pediatra precisa estar apto a decodificar os sinais e sintomas que a criança e o adolescente vítimas de abuso sexual trazem consigo. Necessita ser proficiente na escuta, no exame clínico e no tratamento. Deve estar capacitado para o manejo psicológico da situação de violência e ter conhecimento da legislação e meios de proteção legais e sociais existentes em sua comunidade, sempre necessários na assistência às vítimas de abuso sexual.

RIZZINI, Irene e PILOTTI, Francisco.	1996	A arte de governar crianças.	Promover estudos comparados sobre políticas sociais voltadas para a infância com um enfoque histórico	Diz ser necessário o empreendimento de um grande esforço, no sentido de “pregação no Estatuto como penhor de uma aliança social em favor das crianças e adolescentes, consideradas prioridade absoluta, para construção de uma cidadania democrática e participativa, no Brasil”.	Por fim, os organizadores da obra trazem para as conclusões finais, na “arte de governar crianças”, algumas “Lições do passado” que implicam possibilidades de “reflexões para o presente”, anunciando a persistência de muitos estereótipos para os pobres, ainda tidos como “inferiores, viciosos, ignorantes, miseráveis, erradios (vagabundos), promíscuos, turbulentos, pouco operosos e asseados, imprevidentes, conformistas, ressentidos”.
SILVA, Joice.	2022	Enfrentamento do abuso sexual contra crianças e adolescentes no contexto de pandemia do Covid-19: subnotificação e serviços disponíveis.	Colaborar para uma reflexão crítica e o enfrentamento acerca dos casos de abuso sexual praticados contra crianças e adolescentes no contexto de pandemia da Covid-19.	Da mesma forma se procedeu ao levantamento e análise de dados em ferramentas oficiais de proteção, sobre as estatísticas envolvendo esse público e a violação sofrida. O estudo também buscou trazer visibilidade para o abuso intrafamiliar.	Buscou-se fomentar uma discussão para além das opiniões historicamente preconceituosas e de culpabilização da vítima nos crimes de abuso, as quais são perpassadas no senso comum da sociedade brasileira, na pretensão de colaborar para que esse tabu histórico um dia chegue ao fim.
WACQUANT, Loïc.	2000	As Prisões da Miséria.	Examinar uma política pública não é tarefa livre de dificuldades.	Loïc Wacquant em <i>As Prisões da Miséria</i> , ao examinar a orientação de repressão ao crime que resultou naquilo que o livro chama de “Estado penal”. A definição da própria violência a ser combatida é parte essencial da formulação da estratégia para combatê-la.	Wacquant recompõe o trajeto do discurso de defesa das estratégias coercitivas sobre a delinquência que resultaram no desenvolvimento de um Estado penal e acompanha as consequências dessa política em um livro que poderíamos chamar de “engajado”.

5 DISCUSSÃO

De acordo com os resultados é visto que o abuso sexual infantil é um problema de saúde pública e com grande recorrência, trazendo sérios prejuízos para o desenvolvimento das vítimas. Muitos dos casos não são denunciados justamente pelo crime ocorrer na própria casa da vítima, na maioria dos casos por pais e responsáveis, fazendo assim, com que a criança viva em um muro de silêncio e medo. Os sintomas aparecem na forma como a criança passa a se comportar no dia a dia, muitas vezes passa a se isolar, a ter medo de adultos em sua volta e nos casos mais graves esses sintomas aparecem na forma física, como hematomas, sangramento nas partes íntimas, entre outros indicativos. Podemos notar também que as crianças que passam por esse tipo de abuso, geralmente começam a tirar notas baixas na escola, com a tendência de ter seu desempenho caindo cada vez mais, já que o emocional dessas vítimas estão abaladas, esse pode ser um sinal notável. Quando é uma criança menor pode até voltar a usar fralda, “regredindo” e demonstrando medo em relação de algum familiar, são sinais esses que o responsável deve ficar em alerta de que algo pode estar ocorrendo. Ao perceber esses sintomas a família passa a ter um papel importante na vida da criança, tentando descobrir qual o ponto de partida desse abuso, porém muitas vezes o abuso está acontecendo dentro da própria casa e essa descoberta passa a ser dificultada pela chantagem do abusador contra a vítima.



Fonte: <https://desabafosocial.com.br/blog/2014/09/22/o-que-voce-entende-sobre-violencia-sexual/>

Acessado em: 17.08.2022

Imagem: estatística de casos de violência



Fonte: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/10/22/cerca-de-100-criancas-e-adolescentes-de-ate-14-anos-sao-estupradas-por-dia-no-brasil-dizem-unicef-e-forum.ghtml>

Acessado em: 17.08.2022

A atuação do psicólogo nesses casos é de extrema importância, pois na terapia a criança irá revelar esses casos através de desenhos e dinâmicas feitas durante o processo terapêutico, que é através de atividades lúdicas, a terapia com essas crianças deverá acontecer de forma bastante minuciosa, pois por se tratar de um assunto grave acaba envolvendo mais de uma pessoa além da vítima, como por exemplo, o abusador, que muitas das vezes é o pai, primo, tio, padrasto ou alguém de sua dinâmica familiar.

O psicólogo que trabalha nesses casos precisa ter um amplo conhecimento de leis que abrangem vítimas de abuso sexual, pois irá se deparar com assuntos que muitas vezes não foi visto durante sua caminhada acadêmica, quando for percebido que a criança sofre algum tipo de abuso, não se pode ser negligente e deixar a vítima

em um lugar violento e que faz mal a ela, é um assunto delicado, por isso é importante conhecer as leis e saber a quem recorrer nessa situação.

Além do psicólogo, a atuação de assistentes sociais, conselheiros tutelares e advogados são de extrema importância nesses casos para garantir a proteção da vítima, essa equipe multidisciplinar tentará fazer a proteção dessa criança/adolescente, para que não volte para um ambiente que a machuque. É necessários profissionais capacitados pois se trata de uma vítima que ainda por cima não responde por si, e muita das vezes não tem quem possa fazer isso, por ter pais negligentes ou parentes que não se importam tanto com ela.

No que diz respeito à primeira seção de análise, as respostas obtidas em relação às teorias sobre abuso sexual infantil e adolescente corroboraram o que foi mencionado na literatura científica e nas normas públicas. Segundo BRASIL (2017) De acordo com a Lei 13.431/2017, abuso se refere a qualquer comportamento que vise crianças e/ou adolescentes. E podemos considerar que “Para fins sexuais, com conjunção carnal ou com outro ato libidinoso, realizado de modo presencial ou por meio eletrônico, para estimulação sexual do agente ou de terceiros” (BRASIL, 2017a). É importante destacar que: “todas as formas de atividades sexuais, nas quais as crianças e os adolescentes não têm condições maturacionais e psicobiológicas de enfrentamento, transgredindo as normas sociais, morais e legais” (HABIGZANG; RAMOS; KOLLER, 2011, p. 467). Também pode ser estabelecido por meio de uma relação "heterossexual ou homossexual, em que o agressor esteja em um estágio de desenvolvimento psicosssexual mais avançado que a criança ou o adolescente" (BRASIL, 2002).

Segundo Minayo (2009), os atos violentos são treinados em ambientes que normalizam e apoiam sua ocorrência, como se fossem uma forma normal de se relacionar diante dessa naturalização. Para DAHLBERG e KRUG (2007), há um silêncio no momento da violência que também é permeado por medos, tabus e preconceitos.

Isso acaba por prejudicar a efetividade das políticas públicas relacionadas ao tema, bem como a prevenção e atenção às situações de violência. Como resultado do questionamento dos paradigmas vigentes sobre o que constitui a infância e a adolescência e a relação que as famílias, a sociedade e os profissionais de saúde devem ter com essa população em termos de cuidado, proteção e direitos, essas questões surgem em entrevistas que mantém a legislação pública como modelo.

Em relação às leis, o profissional atuante no campo da assistência social destacou a importância de fazer valer políticas que vão além dos danos sofridos. Isso pode acontecer por meio da execução de ações de promoção de direitos voltados para a juventude, como os relacionados à cultura, esporte e necessidades de emprego. Em relação ao trabalho profissional, que é contemplado pelo segundo bloco de análise, nota-se que o conjunto de práticas que compõem o cuidado Inter setorial faz parte do cotidiano dos psicólogos que atuam em situações de violência contra crianças e jovens, tendo em vista a atuação constante das denúncias.

Crianças, adolescentes e suas famílias devem ser informados sobre seus direitos e orientados sobre como denunciar situações de violência à polícia e ao conselho judiciário. Essa prerrogativa encontra-se na legislação destinada a crianças e adolescentes que foram vítimas de violência e que testemunharam sobre ela (BRASIL, 2018).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa busca analisar o trabalho da psicologia com crianças que sofreram abuso sexual, os profissionais atuam com acompanhamento, acolhimento e compreensão com a criança que passou pelo trauma. Detectando os principais indícios dos abusos para compreender os possíveis traumas que a criança pode desenvolver depois do acontecimento. Nesses casos os profissionais podem utilizar a entrevista semiestruturada para conhecer os traumas da vítima e com isso compreender a melhor forma de intermediar com esse trauma e ajudá-la a superar os efeitos negativos que ela possa ter desenvolvido. Desta forma compreendemos que primeiramente é de suma importância que os profissionais sejam empáticos, e analise com rigorosos critérios a abordagem utilizada para que esta vítima possa chegar à vida adulta com menos impactos, ou até mesmo sem nenhum efeito negativo do trauma sofrido.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Claudia Maria Ribeiro. **A fala da criança sobre sexualidade humana: o dito, o explícito e o oculto.**1995. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. Campinas, SP. p.15.Disponível em:<<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000094017&fd=y>> Acesso em: 15 de mar, 2022.

AZEVEDO, Maria Amélia; GUERRA, Viviane N. de Azevedo. **Violência doméstica contra crianças e adolescentes**. São Paulo: Unicef, 2004.

BAARS, Renata. **Levantamentos sobre crianças em situações de risco no Brasil**. Biblioteca Digital da Câmara dos Deputados, Brasília, 2009.

BERNARTT, Roseane Mendes. **A infância a partir de um olhar sócio histórico**. In: IX Congresso Nacional de Educação .2009.

BRASIL. Lei federal nº 8069, de 13 de julho de 1990, e legislação correlata. **Estatuto da criança e do adolescente**. Brasília: Biblioteca Digital da Câmara dos Deputados.2012. V.9. Disponível em: <http://www.crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/publi/camara/estatuto_crianca_adolescente_9ed.pdf> Acesso em: 15 de mar, 2022.

BRASIL. **Organização Mundial da Saúde**. 2022. Disponível em:<<https://www.paho.org/pt/search/r?keys=crian%C3%A7a%20violencia>>. Acesso em 22 de abr. De 2022.

CARVALHO, Luis. **Governando a educação pelo espelho do perito**: uma análise do PISA como instrumento de regulação. 2009.Disponível em: [Rev109_04DOSSI..pmd \(scielo.br\)](#)>. Acesso em 22 de abr. De 2022.

COSTA, Dirce de Sá Freire Alves Silveira. **Para além do silêncio**: Um estudo sobre abuso sexual infantil e resiliência. 2002. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Centro de Teologia e de Ciências Humanas, PUC do Rio de Janeiro. p. 9-19.

DA SILVA, Mariana Martins. Contextualização da sexualidade e violência sexual infantil: o papel da psicologia mediante casos de suspeita de abuso. **Pretextos-Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas**, v. 3, n. 6, p. 346-360, 2018.

DAHLBERG, Linda; KRUG, Etienne. **Violência: um problema global de saúde pública**. 2007. Disponível em: [SciELO - Brasil - Violência: um problema global de saúde pública Violência: um problema global de saúde pública](#). Acesso em: 15 de mar, 2022.

FLORENTINO, Bruno Ricardo Bérnago. As possíveis consequências do abuso sexual praticado contra crianças e adolescentes. *Fractal: Revista de Psicologia* [online]. 2015, v. 27, n. 2. p. 139-144. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1984-0292/805>>. ISSN 1984-0292. <https://doi.org/10.1590/1984-0292/805>. Acesso em: 28 de Março de 2022.

FALEIROS, V.P; FALEIROS, E.S. **Escola que Protege: enfrentando a violência contra crianças e adolescentes**. Coleção Educação para Todos:31. MEC/SECADI. BrasíliaDF. 2007. 101p.

GUIMARÃES, Veridiana Canezin. A concepção freudiana da sexualidade infantil e as implicações da cultura e educação. **Revista do Departamento de Educação**. Goiás: PUC, v. 15, n. 1, p. 53-66, 2012.

HABIGZANG, Luísa Fernanda et al. Entrevista clínica com crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual. *Estudos de Psicologia (Natal)*. 2008, v. 13, n. 3, p. 285-292. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-294X2008000300011>>. Epub 05 de maio de 2009. ISSN 1678-4669. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2008000300011>. Acesso em: 31 de março de 2022.

HABIGZANG, Luísa Fernanda et al. Caracterização dos sintomas do Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT) em meninas vítimas de abuso sexual. **Psicologia Clínica**, v. 22, n. 2, p. 27-44, 2010.

HIRSCHMAN, Albert O. **As Paixões e os Interesses**. Lisboa: Bizâncio, 1997.

LUSTIG, Andréia Lemes de et al. **Criança e infância: Contexto histórico social**. In: IV Seminário de grupos de pesquisa sobre crianças e infâncias: ética e diversidade na pesquisa. Criança e infância: contexto histórico social. Goiás: UFG, 2014.p. 3-7.

MINISTÉRIO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL E TERRITÓRIOS. **O que é abuso sexual?** 2019. Disponível em: <>. Acesso em: 14 de jan. De 2022.

PACHECO, Juliane Lucas Viegas et al. O trabalho de assistentes sociais no enfrentamento à violência sexual contra crianças e adolescentes: eis a

questão. **Conjecturas**, v. 22, n. 1, p. 880-897, 2022. Disponível em: <<http://conjecturas.org/index.php/edicoes/article/view/525/412>>. Acesso em: 25 de abr. 2022.

PFEIFFER, Luci e Salvagni, EdilaPizzato. Visão atual do abuso sexual na infância e adolescência. *Jornal de Pediatria* [online]. 2005, v. 81, n. 5 suppl, p.197-s204. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0021-75572005000700010>>. Epub 17 Fev 2006. ISSN 1678-4782. <https://doi.org/10.1590/S0021-75572005000700010>. Acesso em: 31 de Março de 2022

RIZZINI, I; PILOTTI, F. **A arte de governar crianças**. Rio de Janeiro: Amais, Santa Úrsula; 1996.

SILVA, Joice dos Reis. **Enfrentamento do abuso sexual contra crianças e adolescentes no contexto de pandemia do Covid-19**: subnotificação e serviços disponíveis. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Disponível em: <<https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/46485/1/ENFRENTAMENTO%20DO%20ABUSO%20SEXUAL%20CONTRA%20CRIAN%C3%87AS%20E%20ADOLESCENTES%20NO%20CONTEXTO%20DE%20PANDEMIA%20DO%20COVID-19%20Subnotifica%C3%A7%C3%A3o%20e%20servi%C3%A7os%20dispon%C3%ADveis.pdf>>. Acesso em: 25 de abr. 2022.

WACQUANT, Loïc. **As Prisões da Miséria**. Oeiras: Celta, 2000.